

LETRAMENTOS EM PROCESSO: *LIVES* COMO UM GÊNERO TEXTUAL ACADÊMICO A PARTIR DA PANDEMIA DO COVID-19*

Joyce Vieira Fettermann (UENF)
Clesiane Bindaco Benevenuti (UENF)
Annabell Del Real Tamariz (UENF)

Resumo: O presente artigo propõe uma reflexão sobre os letramentos em processo, entendendo que, com a pandemia, tornou-se mais perceptível o quanto as construções e reconstruções de conhecimento acontecem de modo constante, em um movimento que possibilita aos leitores e aprendizes/usuários das tecnologias digitais um constante aprimoramento de suas habilidades para utilizá-las nas diversas atividades. Assim, são selecionadas três páginas do Instagram que têm se dedicado à produção de *lives* como materiais sobre assuntos de interesse acadêmico, como projetos de extensão, conteúdos sobre produção de artigos e materiais para processos seletivos de mestrado e de doutorado e aulas, além de realização de eventos acadêmicos on-line. As autoras concluem, percebendo que há uma remodelagem, isto é, uma ressignificação das *lives*, que já existiam e já eram utilizadas antes da pandemia em práticas sociais do cotidiano, mas que, devido à nova realidade, foram configuradas como um gênero textual acadêmico.

Palavras-chave: letramento digital; Ressignificação; Mídias digitais; Gêneros Textuais; Multiletramentos.

Introdução

A pandemia do Novo Coronavírus (COVID-19) trouxe muitas mudanças para a sociedade. Fora todas as questões de saúde pública, milhares de mortes de gente do mundo inteiro, caos político e social, quarentena, *lockdown* e tantas outras, adaptação passou a ser a palavra de ordem para as novas rotinas. Na educação, por exemplo, professores tiveram que remanejar todo o planejamento, passando a ensinar por meio de plataformas on-line, de forma remota e emergencial. Alunos, desde a educação infantil até a pós-graduação, precisaram buscar novas formas de aprender e de realizar suas atividades. E tudo mais mudou no cotidiano: a maneira de trabalhar, de estudar, de se divertir, de (con)viver.

Como o presencial deixou de ser o “natural”, migrou-se para os ambientes virtuais e, assim, surgiu a necessidade de reaprender, mudar concepções e assimilar a comunicação sob novas perspectivas, já que, apesar de antes de 2020 as tecnologias já estarem cada vez mais avançadas e de oferecerem oportunidades de interagir com pessoas de várias partes do mundo de forma veloz, o momento foi inédito para todos.

Considerando isso, este artigo pretende refletir sobre os letramentos em processo, entendendo que, com a pandemia, tornou-se mais fácil perceber o quanto as construções e reconstruções de conhecimento acontecem de modo constante, em um movimento que não necessariamente tem que terminar, mas que possibilita aos leitores e aprendizes/usuários das tecnologias digitais um contínuo aprimoramento de suas habilidades.

1 Globalização e comunicação em tempos de pandemia

Nos anos 60, McLuhan (1962) introduziu o conceito de “aldeia global” no livro *A Galáxia de Gutenberg*. Em sua obra, ele previu que a tecnologia encurtaria as fronteiras, conectando pessoas de todo o mundo. De acordo com ele, o mundo entraria numa “era eletrônica”, o que possibilitaria que pessoas de lugares diferentes pudessem acessar e compartilhar uma mesma informação através das ferramentas tecnológicas.

De fato, parece que o mundo se tornou uma grande vila ou um bairro. Hoje, essa aldeia global conecta cidadãos que estão distantes com apenas poucos cliques ou toques – pensando nos aparelhos com telas de toque, e permite que estejam virtualmente em vários lugares, ao mesmo tempo. Exemplos disso são os acessos a eventos e *tours* culturais virtuais, cursos on-line e outros aos quais as pessoas possuem acesso e dos quais podem participar sem precisarem sair de suas casas, mesmo eles sendo ofertados de cidades e até países diferentes do seu.

É certo que a globalização modificou a forma como os laços sociais são constituídos, e isso influencia as interações e a comunicação entre as pessoas. Com a mobilidade e a facilidade que se tem hoje para acessar os diferentes meios digitais, tornou-se possível visitar, estabelecer contato e conviver com os outros de um modo que não era possível antes. Isso possibilita novas regras de convivência e encontros, a noção de fronteira passa a ser fragmentada, os eventos sociais e as relações de espaço/tempo são dinamizados, causando inúmeras transformações na sociedade, as quais impactam as relações entre o global e o local (SILVA; LEITE, 2016).

Nessa perspectiva, torna-se inegável o quanto as tecnologias digitais têm revolucionado a comunicação entre pessoas de diversos países no mundo. Isso ficou ainda mais em evidência com a pandemia. As redes sociais on-line facilitam a troca de informações de forma instantânea por meio das conexões feitas on-line (SILVA; LEITE, 2016), possibilitando práticas sociais diversas, que tomaram proporções ainda maiores a partir de 2020.

Assim, acredita-se que sejam necessárias diversas práticas letradas facilitadas pelas novas tecnologias. Essas práticas, segundo Ribeiro (2020)¹, estão em constante processo, principalmente nos últimos tempos, em que, por causa dos usos mais frequentes e necessários dessas tecnologias, oportunizados pela pandemia da COVID-19, os usuários precisam constantemente aprender e desenvolver novas habilidades para conseguirem se comunicar com familiares e amigos, participar de aulas on-line, trabalhar e realizar várias atividades.

2 (Multi)letramentos

É interessante pensar como as concepções de questões relacionadas a várias áreas da vida tomaram proporções diferentes após o surgimento da COVID-19. Falando de letramentos, acredita-se que após 2020 as pessoas estarão muito mais engajadas e preparadas para lidar com ferramentas que antes talvez nem pensassem que poderiam ser tão necessárias em seu cotidiano. Aulas, reuniões e encontros por salas virtuais tornaram-se rotina e grandes desafios, pois entrar nesses ambientes requer letramentos digitais para saber, por exemplo, quando e como deixar a câmera no modo ligado ou desligado, o microfone no “mute”, como compartilhar a tela ou visualizar todas as pessoas na mesma sala. Crianças, adultos e idosos têm aprendido juntos e ensinado uns aos outros.

¹ Professora Ana Elisa Ribeiro (@anadigital) em *live* sobre Letramentos Digitais com o Grupo de Pesquisa em Hipertexto e Webjornalismo (@Hiperjor) no Instagram, em 25/05/2020.

Estes tempos requerem a análise do contexto atual em que os letramentos acontecem, considerando as contribuições das tecnologias para a comunicação, que o tempo todo são renovadas em face das multimodalidades da linguagem, interligadas “[...] entre o verbal e o visual, entre texto e imagem, que ampliam as possibilidades de cada meio envolvido” (BRASIL, 2006, p. 97), assim como seu usuário, que produz e faz usos diversos da linguagem.

É proposta das Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM) utilizar esse pressuposto, que, segundo elas, inclui a inclusão digital e social, conscientizando as pessoas das formas de produção e circulação de conhecimento, das habilidades de leitura, interpretação e comunicação por meio da multimodalidade, da necessidade de fortalecer a criticidade em relação ao que é lido, visando à produção de sentido. Elas preveem um trabalho com as linguagens “[...] visual (mídia, cinema), a informática (digital), a multicultural e a crítica (presente em todas as modalidades)” (BRASIL, 2006, p. 97-98), para desenvolver um leitor que compreende o que lê, assumindo uma posição ou relação epistemológica voltada a valores, ideologias, discursos e visão de mundo.

Pensando nas mídias sociais e em seu potencial para abrigar interações, especialmente nos últimos tempos, pode-se resgatar o que ressalta Saldanha (2016), quanto à necessidade de acolher essas novas formas de letramento como ferramentas essenciais para a aprendizagem, deixando os letramentos convencionais e ensinados, primordialmente, via texto impresso, em segundo plano, pois eles privilegiam a aquisição do conhecimento de modo individual, ao contrário dessas ferramentas.

Após a pandemia, pode-se dizer que mesmo as aulas mais tradicionais, em qualquer segmento, passarão a compreender e abarcar novos letramentos, uma vez que durante a quarentena, além do conteúdo curricular, os alunos precisaram adquirir conhecimentos relacionados às ferramentas utilizadas para entrar em contato com os professores e colegas nos ambientes virtuais, compartilhar informações e realizar tarefas colaborativas on-line.

Nesse cenário, em busca de novas formas de lidar com inovações no mundo do trabalho, nos espaços públicos e na vida em comunidade, como acontece hoje, o Grupo Nova Londres (CAZDEN et al, 1996) criou a pedagogia dos Multiletramentos, com o objetivo de propor uma reflexão sobre as diferenças culturais, de língua e de gênero, bem como trazer para a sala de aula as implicações que as diversidades culturais e linguísticas pertencentes às sociedades amplamente globalizadas em uma pedagogia de letramento podem acarretar para os aprendizes (SALDANHA, 2016). Tudo isso, considerando as tecnologias e seus impactos.

Essa prática voltada para as diferenças envolve as múltiplas culturas e linguagens, modos e semioses nos textos, digitais ou impressos, que circulam na sociedade contemporânea. Assim, torna-se necessário refletir sobre como a realidade atual influencia as formas de interagir, de se comunicar, aprender e ensinar. O professor, então, tem a oportunidade de repensar suas práticas, colaborando para que consiga se adaptar às novas práticas sociais e às necessidades que o momento impõe, ressignificando gêneros textuais para atender a uma nova realidade.

3 A Ressignificação de um gênero já existente

É possível compreender que o gênero textual se apresenta como ação social de viabilidade e construção da interação, isto é, como mecanismo de interação verbal e de

instauração de práticas socializadoras entre os sujeitos da comunicação. Sem essas relações sociais, os gêneros não existiriam, afirma Marcuschi (2008).

A interação, ao longo da vida do ser humano, acontece através da participação do sujeito em práticas comunicativas em espaços distintos, a partir da produção e da construção de gêneros na sociedade na qual ele está inserido.

Em época de “novo normal”, as *lives*, apresentações presenciais realizadas por meio de redes sociais virtuais, como o Instagram, Facebook ou YouTube, podem ser entendidas e vistas não como um novo gênero que surge, porém como um gênero acadêmico que foi remodelado, ressignificado e passou a fazer parte do cotidiano das pessoas que precisaram adaptar-se às implicações provocadas por um novo tempo, exigidas pelo meio no qual estão inseridas. A *live* é um exemplo de gênero textual que já existia, mas foi ressignificada com a pandemia (RIBEIRO; ROJO, 2020), tornando-se um gênero acadêmico. Portanto, para se comunicar, a sociedade, por suas práticas de comunicação, materializando seus discursos em textos, criou e sempre atualiza os gêneros textuais, pois é através deles que se suprem as necessidades dos sujeitos.

Para se adaptarem aos interesses de seus usuários e às necessidades de uma nova época, aulas presenciais viraram vídeos gravados, o presencial abriu espaço para o on-line, o quadro passou a ser também digital, como materiais demonstrados on-line, cursos e palestras acadêmicas ganharam espaço nas *lives* e em debates abertos com pessoas de todo o mundo. O que antes era privado, tornou-se acessível a todos em tempo real.

O que se quer dizer é que os meios modificaram os gêneros, afinal todos os gêneros sofrem mudanças ao longo dos tempos para suprirem as necessidades de seus usuários, pois fenômenos sociais, históricos e culturais surgem e desaparecem a todo o momento, como aconteceu com o mundo pela imposição de normas restritivas ao combate da COVID-19. “O trato dos gêneros diz respeito ao trato da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas” (MARCUSCHI, 2008, p. 149).

Bakhtin (1992) também compreende essa ideia de instabilidade do gênero proveniente do reflexo no uso de recursos discursivos e rotinas comunicativas provenientes de atividades de interação, ou seja, – hoje – devido à necessidade do meio, das imposições de uma nova geração e, ao mesmo tempo, de uma pandemia que se alastrou pelo mundo, e em face de novas condições tecnológicas, as formas de se aprender e ensinar foram ressignificadas.

3. 1 As *lives* como gêneros acadêmicos

As *lives* se afirmaram como espaços de discussão e aprendizagem que acontecem entre pessoas de toda parte, sem restrições de espaço ou tempo, já que rompem os limites fronteiriços entre os participantes e a gravação da discussão fica disponível para quem quiser acessá-las em outro momento.

A partir de maio de 2020, estas pesquisadoras iniciaram uma pesquisa de campo no *Instagram*, com o objetivo de observar as ocorrências de *lives* que tinham o propósito de propagar discussões acadêmicas voltadas para professores, estudantes de graduação e pós-graduação, ou interessados em iniciar a trajetória acadêmica. Com isso, percebeu-se a realização de diversos trabalhos específicos nessa área, incluindo eventos acadêmicos.

Para este artigo, foram selecionados três perfis, que se encaixaram na análise:

1. @anadigital – A professora universitária responsável pelo perfil declarou que o mesmo é parte de um projeto de extensão chamado Aula Aberta (RIBEIRO; VECCHIO, 2020), que visa à discussão de temas relacionados à pandemia no

Instagram - e em outubro de 2020 se tornou um livro impresso. Ela convida professores para conversar sobre letramentos, textos, tecnologias, educação, entre outros, e como esses temas se relacionam ao momento atual. Conforme mencionado em uma das *lives* (em 25/05/2020), parte do projeto é organizar um livro baseado nas discussões realizadas com os professores convidados.

2. @alemda.revisao – A página se divulga como um canal de assessoria acadêmica e profissional, que se propõe a ajudar pessoas com dicas sobre escrita e preparação de artigos para submissão a revistas e congressos. Também é coordenado por uma professora universitária, que disponibilizou *lives* sobre escrita acadêmica, processos de seleção para mestrado e doutorado, intercâmbios de doutorado sanduíche, entre outros temas na área.
3. @uniflu_oficial – Esta página é de um centro universitário que promoveu *lives* para alunos e a comunidade em geral sobre diversas áreas do conhecimento. Entre as programações aconteceu, em julho de 2020, um Seminário de Mídias e Tecnologias, que, além de aulas no Google Meet, propiciou *lives* como aula aberta no *Instagram*, para dar acesso a pessoas interessadas pelos temas em discussão.

Percebeu-se que, como extensão das *lives*, outras iniciativas têm surgido:

- Os vídeos que são gerados após o salvamento das *lives* são postados no Instagram TV (IGTV) e nos canais dos autores no Youtube, como meios de alcançar mais visualizações e compartilhamentos dos materiais, divulgando-os em outros meios.
- Verificou-se que algumas *lives* observadas os professores alcançaram um número alto de visualizações, falando somente destas após a publicação no IGTV. Durante as *lives*, pessoas de diversos estados do Brasil puderam acompanhar simultaneamente a discussão, como foi o caso da conversa no perfil @anadigital, em 25/05/20².
- As reflexões realizadas nas *lives* geram a escrita de textos como resumos do que foi contemplado e estes podem, também, se tornar materiais de estudo. Assim, materiais impressos têm sido substituídos ou complementados com materiais digitais, e estudos presenciais ganharam mais espaço e mais público em mídias sociais.
- As discussões e os materiais gerados e publicados on-line funcionam como potenciais geradores de novas aprendizagens nos âmbitos acadêmicos.

Esses exemplos mostram que a pandemia colocou em evidência o que já se vinha praticando, ainda que de forma modesta, em *lives* e postagens em redes sociais, ou nas diversas plataformas de reuniões e aulas on-line. Por isso, hoje, apesar dos esforços para se apresentar uma classificação ou noção do que vem a ser gênero textual, o mais importante se torna, para Marcuschi (2011, p. 21), não classificar e sim determinar as categorias de “gênero textual” ou “gênero discursivo”, pois,

[...] o certo é que as dimensões geralmente adotadas para a identificação e análise dos gêneros são sociocomunicativas e referem-se à função e organização, ao conteúdo e meio de circulação, aos atores sociais envolvidos em atividades discursivas implicadas, ao

² O vídeo dessa conversa, por exemplo, possui 764 visualizações em 08/08/2020. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CAoKPjlsaq/?utm_source=ig_web_copy_link. Acessado em 08 ago., 2020.

enquadre sócio-histórico e atos retóricos praticados (MARCUSCHI, 2011, p. 21).

O que se quer dizer é que

O estudo da comunicação virtual na perspectiva dos gêneros é particularmente interessante porque ‘a interação *on-line* tem o potencial de acelerar enormemente a evolução dos gêneros, tendo em vista a natureza do meio tecnológico e os modos como se desenvolve (MARCUSCHI, 2008, p. 198).

Sobre a linguagem encontrada na internet, três aspectos podem ser evidenciados: do ponto de vista da linguagem, da natureza enunciativa e, a mais importante, do ponto de vista dos gêneros realizados, pois, “[...] a *internet* transmuta de maneira bastante radical gêneros existentes e desenvolve alguns realmente novos. Contudo, um fato é inconstante: a internet e todos os gêneros a ela ligados são eventos textuais fundamentalmente baseados na escrita. Na internet, a escrita continua essencial” (CRYSTAL, 2001 *apud* MARCUSCHI, 2008, p. 199).

Considerações finais

As redes sociais e as novas tecnologias possibilitaram a comunicação e o compartilhamento de informações entre pessoas do mundo inteiro. Em época de pandemia e distanciamento social, perfis pessoais se tornaram profissionais e novos perfis surgiram no *Instagram* e Facebook, bem como canais no YouTube e Telegram, com o intuito de ressignificar a comunicação que, antes, era quase que totalmente presencial. Hoje, com as *lives* acadêmicas, espaços *on-line* de discussão, aulas abertas e reuniões virtuais foram criados, ressignificando, de certa forma, os métodos até então adotados e oportunizando interação e participação ainda mais ampla de todos que assim quiserem.

Este estudo mostrou que as *lives* não são novos gêneros textuais que surgiram, mas uma remodelagem, ou ressignificação, do que já existia. Porém, com a incorporação de conteúdos acadêmicos, como é o caso dos três perfis citados no estudo, em que palestras, aulas e reuniões foram incorporadas no cotidiano das pessoas de forma a suprir as exigências da atual realidade mundial de “novo normal”, de modo que a adaptação ao novo contexto foi necessária a todos, sem restrição, uma vez que dominar as ferramentas digitais em época de pandemia virou questão de sobrevivência para empregadores, empregados e autônomos.

Logo, constatou-se que o letramento digital é a forma mais eficaz – em tempos de pandemia, e que provavelmente se manterá em alta após o retorno ao “novo normal” – de construir e reconstruir saberes, de aprimorar habilidades para a concretização de tarefas. Os três perfis analisados mostraram que a ressignificação aconteceu. As práticas sociais do cotidiano, como as *lives*, foram transformadas em gênero textual acadêmico e também profissional.

Referências

BAKTHIN, M. **Estética da Criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Ministério da Educação. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília, 2006.

CAZDEN, C.; COPE, W.; FAIRCLOUTH, N.; GEE, J.; et al. A pedagogy of multiliteracies: designing social futures. In: **Harvard Educational Review**, 1996. p. 60-93.

FETTERMANN, J. V.; PEREIRA, D. R. M. Multimodalidade e multiletramentos na avaliação da aprendizagem de línguas. In: SOUZA, C. H. M; MANHÃES, F. C.; OLIVEIRA, F. M. **Novas tecnologias e interdisciplinaridade: desafios e perspectivas**. Campos dos Goytacazes: Brasil Multicultural, 2017.

MARCUSCHI, L. A. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio... [et al]. Organização de KARWOSKI, Acir Márcio; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO. **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2011.

MCLUHAN, M. **The Gutenberg Galaxy: the making of typographic man**. Toronto, Canada: University of Toronto, 1962.

RIBEIRO, A. E.; VECCHIO, P. M. de. **Tecnologias Digitais e Escola: reflexões no projeto Aula Aberta durante a pandemia**. São Paulo: Parábola Editorial, 2020.

ROJO, R. H. R. Alfabetização e letramentos múltiplos: como alfabetizar letrando? In: RANGEL, E. de O.; ROJO, R. H. R. (Coord.). **Língua portuguesa: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010, p. 15-36. (Coleção Explorando o Ensino; v. 19).

SALDANHA, G. C. B. Letramento crítico e o ensino de língua estrangeira via língua-alvo em escolas públicas brasileiras: uma proposta viável? In: OLIVEIRA, S. B.; SÓL, V. S. A. **Multiletramentos no ensino de inglês: experiências da escola regular contemporânea**. Ouro Preto: Instituto Federal de Minas Gerais, 2016.

SILVA, M. O.; LEITE, N. C. Vozes na sala de aula de língua inglesa: uma experiência com os multiletramentos. In: **Multiletramentos no ensino de inglês: experiências da escola regular contemporânea**. Ouro Preto: Instituto Federal de Minas Gerais, 2016.